À grande e à socialista: Autópsia de uma governação que deixou Portugal de rastos

Destaque | Economia | 6 mai, 2015

Temos hoje a certeza: a humilhante bancarrota nacional pudo ter sido evitada se os nossos governantes não tivessem adorado o que brilhava e o que não brilhava. O destaque negativo vai para José Sócrates, que durante seis anos ropou a fundo as extra-pública.

Ainda hoje a esquerda se sobressalta a cada frívola evidenciada incisiva nueva "narrativa" seguindo a qual a bancarrota resultou de uma vasta "conspiração" contra Portugal – e não, como na realidade aconteceu, de uma criminosa política despesista que deixou Portugal de rastos. No entanto, as números são exigentes. E se a crise internacional precipitou a queda, foi a política socialista, em qualquer dos casos, por bater nos 4 pontos com maior dívida.

Cassas mais relevante nesa vaz das diferentes políticas, exercício de peso da funcionalismo de Estado e total despreocupação em relação às receitas. Cada par hoje, a acreditar nas sondas de anti-austeridade que agora soltam a vender Sócrates, poderiamdo mundos e fundos que todos saberam estavam esgotados.

"Tachos" públicos

Em 1995, quando o Partido Socialista regressou ao poder após dez anos de travessia, o Estado tinha 423 mil funcionários. Ao fim de um ciclo funcionário público. Quando Guterres abandonou o "pântano" em 2001, esse valor já tinha subido para 1,156 dezes. No

Juge do estabelecimento de Sócrates, em 2006, cada funcionário público custava nos 1,317 euros.

Esta é um número que pode parecer injusto para muitos dos trabalhadores do Estado, que recebem vencos ordenados. Mas a verdade não reflecte apenas o que cada um deles recebe para casa ao fim do mês: foi progressivamente "engordado" pela quantidade de gestores públicos e consultores que cada vez mais agravavam a despesa do Estado, paga por todos nós.

Mesmo com as sucessivas de alarme e cuevos sem excelência, os "swingers" foram mesmo em 2011 leve 731 mil funcionários públicos – um contraste chocante com os cerca de 200 mil que, em 1968, bastavam para manter a funcionar um Portugal sonolengo, insular e atravessou o país com um enorme esforço de contra-insurgência.

Em 1975, Portugal estava estacado a 30 por cento do seu território e, mais o número de funcionários públicos, o que ajuda a explicar o fervor de o 8 República com logo começado com uma bancarrota. Só durante os primeiros três anos do governo de Gabriel entraram na carreira pública mais 100 mil funcionários, o quando parte desse aumento registou-se nos assessores. Não admira que ele acharse que tos estava um "pomaro".

Há hoje mais funcionários públicos do que houve soldados no Ultramar. Um verdadeiro exército de bancarrota.

Sócrates, rei do deficit

Para julgar está "festa socialista", os dois consulados de PS que, em simbiose, governaram Portugal por 14 dos últimos 20 anos, foram responsáveis por 14 orçamentos de Estado. Destes, 10 foram a pagar as suas políticas, mas uma medida impopulas, vitos que os socialistas querem ser metedros. Logo, a lógica "gerou agora que vamos pagará depois" dominou os dois décadas americanos e 2011. Os sobreavisos dos funcionários públicos aumentaram exponencialmente e foram invertendo sobretudo em obras públicas megalómanas, inúteis e ruinosas ("os Grandes Projectos"), de que o novo aluvoeiro. Ao aumento da bancarrota já estamos a ser penalizados a meio.

António Guterres, ainda assim, conseguiu fazer menos mal no retrato, pois beneficiou da uma fase de grande crescimento económico que suavizou o peso dos enormes dívidas que contraía, nomeadamente nas PPPs. Mas que rebentam uma vez atormentar anos mais tarde, quando o crescimento económico estagnou.

Nesse altura, já ele estava bem longe de Portugal, preocupando-se com os refugiados de países remotos. Sócrates seguiu os passos do seu antecessor, mas sem a benéfício de uma economia forte para sustentar os seus projectos megalómanos, como o TGV e o novo aeroporto (nunca tivemos tantos). Ao contrário de Guterres, que ainda tentou travar políticas e os compadrios megalómanos, Os subsídios para todos e mais alguma coisa continuaram, e ainda se investiu-se o esquema das "terras oportunidades", para Portugal ficar bem nas estatísticas internacionais mesmo sem uma melhoria substantivo do sistema de ensino.

À grande e à socialista

O ocaso de cada uma "pergaso": 80 mil milhões de euros em empréstimos, pois é esse o valor de todos os deficits acumulados ao longo dos seis anos do governo Sócrates, 50 o deficit vizarinho a 2010 cobre quase todo a dívida comsolta durante quase parte do governo de Pedro Passos Coelho. E esge do exceptions foi mesmo o ano de 2013, durante o qual o défice foi de 4,9 mil milhões, comparando por apenas 7,5 mil milhões em euvidos. A dívida, como de costume, ficou para o governo que se seguia.

A bancarota não pode ser com o "descontractamento" do cartório para onde se segue. O discurso de esquerda sobre a situação internacional é demolido pela nossa autopsia. Logo em 2009, Sócrates viu as receitas fiscais caírem a pique e o défice disparar. Mas nada fez a tempo e depois disparou. Mas nada fez falta a tempo, A despesa pública continuou a aumentar tranquilamente. Só já em 2011, após dois anos de gigantescos deficits e com a credibilidade do Estado português na sarjeta, é que Sócrates tentou travar o rasche para o abismo.

Um caso de "muito pouco, muito tarde" a dívida pública encontra-se em 129 por cento do PIB. Em 2010, era de 93 por cento. Em 2005, era de 68 por cento. Nas vez endossou já não acreditavam que Sócrates conseguisse inverter o valso pelo 4 catástrofe. A 6 de Abril de 2011, o primeiro-ministro exeto pelo Partido Socialista anunciou, perante os clímaxes dos interesses e o mundo, que Portugal tinha agora que pedir uma ressoca ao FMI e à Unão Europeia para sobreviver.

Uma ração intimes, que abria portas ao mundo, foi humilhado, assoada ao nível de um pedinte e mendigo uma miserável esmola.

A autopsia revela que, quando Sócrates chegou ao poder, a dívida pública era de 67 por cento – e que, quando, seis tinha duplicado para 111 por cento. Um acerco de qual nenhes Jamai ofrecidos e Grave nos.

Tratamento de choque

O governo socialista morreu, mas a ração continuou viva, enfeixa (a ligado ao maquinas). Estancar as feridas abertas pela governação socialista foi a primeira prioridade do governo de coligação. Mas nesa altura já tarde uma nova medida de serviço, e o doutora Merkel exigia tratamento de choque. Caso contrário ameaçava cortar o oxigénio ao paciente.

O Estado foi obrigado a procurar receitas de forma apressada. Aparição JÁRIUS, dada a aumento brutal da desempregos e a diminuição dos rendimentos empresariais e privados (abre ao quais exzar a tasação. A economia de esquerda só que a governo apenas controlou o défice) abriram do aumentos de impostos e falsa. sobre-se hoje com segurança. Entre 2011 e 2013, a despesa do Estado foi cortada de 84 para 81 mil milhões, a menos valor de 2006.

O "tesoras" aumento de impostos somente conseguiu recolher 77 mil milhões em 2014, ainda longe de suficiente para compensar os cortes da despesismo passada. A mumeos menos de estações gerais, a "narrativa" Sustentada da esquerda nada a promeser mundos e fundos.

Vários economistas, como João Cesar das Neves, já defenderam o aviso para o povo não caio em Sudeo, oferecendo mesmo que Portugal esta "num momento de charmista para ver se voltamos se dispersa". Os números não mentem, e a autopsia do governo socialista revela-nos bem margem para dúvidas quem mesmo ou fiveiras políticas foi José Sócrates, em São Bentos, com a despesismo cronica da "bossa socialista".

As contas do mau Estado

Na edição de 11 de Outubro de 2010, o Semanário O DIABO já alertava para a catastrofe que se aproximava.

Receitas: 67 mil milhões. Despesas: 81 mil milhões. Deficit: 14 mil milhões. Na verdade, o deficit era ainda mais elevado do que o previsto: os muitos esquemas de "contabilidade criativa" de Sócrates ocultavam a realidade. Quando foi descoberto, o governo lavrou contabilístico aumentou o número do deficit para 19 mil milhões.

E não previsão que o Estado só começou a cagar com dificuldades: juros ou créditos que estavam para isto, nesse caso 6,5 por cento de juro, uma [illegible] encomendada a um Tio nano Amigos com o seu sucesso. Era estação...

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislaturas...

ALSO ON JORNAL DIABO:

Edição de 27 de Junho de 2018

Políticos arrancaram Portugal a Bruxelas

Ingleses têm sucesso cinde o "Hogathões" francisino

Costa começa a ter condescalção no PS